

CAROLINE CUNHA: Depoimento gravado no dia 14 de julho de 2017, às 5:31 com José Francisco da Silva, subsecretário de promoção em defesa dos direitos humanos, na Casa de Direitos Humanos em Belo Horizonte, por Caroline Cunha Rodrigues. Nós podemos começar com sua breve apresentação, né. Data de nascimento, de onde vem, trajetória um pouco.

JOSÉ FRANCISCO: Bom, meu nome é José Francisco da Silva, eu nasci no ano de 1949, em agosto, no dia primeiro, ao meio dia, um horário meio errado de nascer, Santa Tereza, zona leste de Belo Horizonte, que gosto muito dessa referência. E participei, militei, né, no movimento secundarista (trecho incompreensível) que foi um momento interessante, porque eu participava de uma escola que não era uma escola tão tranquila assim, era uma escola de fundo militar, que era o Colégio Tiradentes, mas eu participava, vinha, distribuía os folhetos, os panfletos, chamando pra avenida, pra rua, nos anos 60, e fui pego em uma oportunidade, que foi uma coisa muito chata.

CAROLINE CUNHA: Você foi pego? Em qual sentido?

JOSÉ FRANCISCO: Pego, me dedaram para o diretor, que eu tinha distribuído panfletos. Algum colega.

CAROLINE CUNHA: E o que aconteceu?

JOSÉ FRANCISCO: O disciplinar, que era um sujeito muito duro, mas tinha alguma simpatia pela minha pessoa, então ele me chama na sala de aula sozinho, me tira da sala e diz assim: “te entregaram, alguém te entregou”, (trecho incompreensível), né. Aí já fui pra sala do diretor, já com isso, o diretor teve um comportamento que pra mim foi algo já indescritível, porque ele me deixou na sala, vendo, observando a rotina dele, o dia inteiro, eu voltei no dia seguinte, na mesma (trecho incompreensível) observando a rotina dele. No terceiro dia, idem, a mesma coisa! Sem uma palavra. Eu observando a rotina dele com aluno, professores e tal. E no final, aí ele conversou, disse: “eu não sei o que eu faço. Não sei o que faço. Se eu chamo a sua família, o que eu faço? Ou se eu faço outra coisa... Volta amanhã”, eu entrei na escola e tudo continuou normal. Foi só isso, mas foi algo muito surpreendente também. Depois entro para a universidade, mas antes também eu militava no movimento, movimento católico, né? Vinculado muito a uma ordem religiosa, se chama (trecho incompreensível) então participava do movimento de ex-alunos, e de formação, que eles chamavam ali de “o fermento na massa”, que era uma máxima que vinha do Papa João XXIII, ser fermento na massa, então era uma máxima que a igreja levava, fomentando, se organizando e etc, né. Então quer dizer, e na universidade isso continua de uma forma um pouco diferenciada, porque ali você vai conhecendo mais os grupos da

esquerda, e aí foi o meu tempo todo de...

CAROLINE CUNHA: Você fez qual curso?

JOSÉ FRANCISCO: Eu fiz psicologia, me vinculei à psicologia social.

CAROLINE CUNHA: Uhum.

JOSÉ FRANCISCO: E profissionalmente, à saúde pública.

CAROLINE CUNHA: Entendi.

JOSÉ FRANCISCO: Então, psicologia, saúde pública. Essa é minha trajetória. E nessa, e também com essa inserção tanto no movimento estudantil quanto o movimento cultural da cidade, que era muito efervescente, com o clube da esquina, toda essa coisa no mesmo período, a gente era muito unido, muito juntos, e era uma turma muito politizada, né? Todos ali, né? Isso então e faz uma, eu tenho uma oportunidade quando formo, um ano e pouco depois que eu formei, eu tive oportunidade de trabalhar no norte de Minas. (trecho incompreensível) passando assim pra não ter que contar muito de cada coisa, né, porque o principal é...

CAROLINE CUNHA: Mas qual época, no caso?

JOSÉ FRANCISCO: Em 75 eu me formo, mas já fui trabalhar na Universidade Católica, em 75. E participava de um grupo de pesquisa no setor de psicologia social da Federal.

CAROLINE CUNHA: Uhum.

JOSÉ FRANCISCO: No setor de psicologia social da Federal eu participava de uma pesquisa que trabalhava a questão da representação social da saúde e doença, nós desenvolvemos uma pesquisa na área metropolitana, em Capim Branco...

CAROLINE CUNHA: Uhum.

JOSÉ FRANCISCO: ...e a pesquisa foi ampliada, ela foi aceita e foi ampliada para uma nova pesquisa, aí já envolvendo também os profissionais de saúde. Daí nós propusemos desenvolver essa pesquisa no norte de Minas, porque ali começava um projeto de saúde de extensão de serviço de saúde para o meio rural, que não existia. Ali só 5 municípios que você tinha saúde, era, tinha equipamento de saúde pública, que era Bocaiuva, Pirapora, São Francisco, Montes Claros e Manga, os serviços eram muito precários. Então esse serviço era um projeto moderno, com acompanhamentos da (trecho incompreensível), Organização Mundial de Saúde, e quando a gente oferece, oferece a pesquisa para desenvolver lá, uma equipe muito boa, uma equipe que a gente pode chamar muito engajada, muito progressista, fazer uma saúde de qualidade para o povo, e com métodos absolutamente, nós podemos chamar, participativos. Então aquilo nos interessou muito, aceitaram a nossa pesquisa, mas nós identificamos que, identificamos que eles

nos procuraram também para que a gente ajudasse a conseguir um profissional de saúde para se inserir na equipe enquanto desenvolvia. E me deu na cabeça, eu falei: “tá aqui, sou eu” (trecho incompreensível) essa coisa se efetivou e eu fui pra lá, fui com a pesquisa e também participar da própria equipe que estava implantando, estava implantando o programa, né. Então daí eu conheci um mundo totalmente diferente, saindo do urbano para ir para um ângulo rural, absolutamente com outra, com outro olhar sobre a vida, né, então aprendi muito ali, né. (trecho incompreensível) urbano, acadêmico absoluto, né? Que eu deixei então a Universidade Federal, deixei a Universidade Católica, trabalhava nas duas, e então me dediquei integralmente a pesquisa que fui desenvolver, que era com recurso do CNPq, junto com aquele grupo da psicologia social, e a formação de novos profissionais para aquele serviço de saúde que começava a se implantar, né.

CAROLINE CUNHA: Entendi.

JOSÉ FRANCISCO: Então daí...